

A REGULAÇÃO DAS INFÂNCIAS PELO GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DAS PEDAGOGIA(S) FEMINISTAS NA EDUCAÇÃO

Jéssica da Silva de Oliveira

INTRODUÇÃO

A educação passou por momentos difíceis nos últimos anos, por conta do fortalecimento dos discursos conservadores. Professores/as foram hostilizados/as, desvalorizados/as e vítimas de fake news, tendo suas ações em sala de aula questionadas pela sociedade. Docentes passaram a temer certos assuntos em sala de aula, por vários motivos, além daqueles que compactuam com tais ideias absurdas e preconceituosas.

Falar sobre gênero e sexualidade na escola tornou-se motivo de crítica e inquietude. Todavia, sabemos que desde pequenas, as crianças são educadas a partir das relações de poder que insistem em silenciar e submeter às imposições da sociedade machista, patriarcal e homofóbica. Nesse sentido, embasar a prática educativa em ações que não aceitem o machismo, a homofobia, o racismo, entre outras discriminações tornou-se hoje um ato de resistência, um ato político. A educação feminista possui um papel fundamental para romper alguns desses ciclos e ampliar as discussões sobre as questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

De tal modo, esse estudo possui como pretensão relatar as experiências e propostas pedagógicas executadas com crianças de 4 à 5 anos de idade, em uma escola de educação infantil pública, no município de São Leopoldo, que visam resistir às relações de poder patriarcal e romper marcações de gêneros e de sexualidades que ocorrem nas infâncias. Como recorte, nesse resumo serão relatadas as percepções da docente, a partir da observação das crianças após a contação da história literária intitulada: *Coisa de menina ou coisa de menino da autora Pri Ferrari*. A escolha se dá com o intuito de quebrar alguns paradigmas, ancorada nas pedagogias feministas que incidem na luta pelas minorias, respeito, empoderamento das meninas, diversidade sexual, entre outros.

A partir das propostas que foram relatadas, se entende que é possível uma prática docente que tensionam as relações de gênero e sexualidade entre meninas e meninos, rompendo com as imposições culturais. Por mais singelas que sejam as ações no cotidiano infantil, elas promovem relações equivalentes e respeitadas. As crianças se sentem livres para expressarem suas particularidades e suas individualidades. Não são julgadas ou vigiadas. O diálogo e a escuta são constantes. As repreensões não tem espaço e o que impera é a amorosidade.

TRAÇADOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada pela professora que aqui escreve, ancorada nas pedagogias feministas que incidem na luta pelas minorias, respeito, diversidade sexual, empoderamento das meninas. Empoderamento esse que para nós feministas: “[...] é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal.” (SARDENBERG, 2006, p. 02).

Para tanto, a professora utilizou-se do livro intitulado: *A princesa que escolhia da autora Pri Ferrari*, que visa romper paradigmas e transgredir nas ideias sobre . A história foi escolhida faz parte da ampliação do repertório literário das crianças, que a professora vem buscando inserir no cotidiano escolar.

Visando o protagonismo infantil, as crianças foram ouvidas em uma roda de conversa e algumas propostas foram realizadas na premissa de romper algumas regulações que são impostas às crianças, bem como para observar como as crianças se relacionam e suas predileções.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica. Por vezes, o primeiro contato da criança com o mundo exterior, longe de seus familiares. É um espaço rico de interações, de brincadeiras e de desenvolvimento. É nessa faixa etária que as crianças começam a demonstrar seus interesses e suas particularidades (BRASIL, 2018). Entretanto, muitas vezes neste espaço as crianças já são direcionadas para a aquisição da feminilidade ou masculinidade, e a heteronormatividade compulsória. Maria Lugones (2020) fala sobre a heterossexualidade compulsória que permeia as construções de gênero, o que viola os direitos sexuais e reprodutivos no sentido de poderem viver livremente suas sexualidades. Aponta também que não há necessidade de se organizar as relações sociais e sexuais com

base no gênero binário: os sujeitos e as sujeitas não precisam escolher apenas padrões heteronormativos e patriarcais como modos de vida.

Entretanto, as infâncias são reguladas pelo gênero, seja com a família, seja na escola. Desde o enxoval já são regidos pelas imposições culturais do que é próprio para menina ou menino. E essas regulações produzem discursos e verdades, e aos poucos vão anulando a autenticidade das crianças (LOURO, 2014). João Baliscei (2022, p.20) ressalta que: “[...] as práticas culturais não apenas descrevem corpos, mas também criam corpos; não apenas descrevem gênero, mas também criam gênero.” Brinquedos, brincadeiras, currículos escolares que separam e aprisionam as crianças nessas expectativas dúbias dos adultos. Muitas das práticas divididas por gêneros são vistas como naturais e a tarefa docente é questionar essas ditas “naturalidades”. Repensar as ações cotidianas comuns e banais, as formas de ensinar e os significados das aprendizagens para os alunos. Também, fiscalizar a linguagem adotada, que por vezes é carregada por machismo, racismo, homofobia, entre outras formas de discriminação. (LOURO, 2014).

Sabe-se que gênero é uma invenção cultural, social e histórica (BUTLER, 2022) que permeia as relações e institui poderes. Porém, a escola pode ser um espaço privilegiado para repensar essas relações estabelecidas, “[...] se colocar em suas pautas prioritárias as relações de gênero, poderá se transformar em signo de novos tempos com relações igualitárias e de respeito entre todas/os/es.” (COLLING, 2022, p. 31). De tal modo, no processo educativo é preciso resiliência e coragem para romper paradigmas e instituir uma educação para todos/as/es.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DAS PROPOSTAS COM AS CRIANÇAS

Para iniciar a prática com as crianças, a professora fez a contação da história *Coisa de menina ou coisa de menino da autora Pri Ferrari*. Em um tapete na sala, em roda, as crianças de 4 e 5 anos sentaram-se junto da educadora. A narrativa começa junto do encantamento pelo universo literário. Na história contada, a autora traz várias formas de ser menina ou menino, rompendo com as normativas culturais e sociais. Coloca de uma forma lúdica e criativa, a ideia de que meninas e meninos podem ser o que desejarem. Em um trecho do livro ela coloca o seguinte verso: “*Meninas estão no esporte. Elas treinam muito e batem recordes de velocidade, precisão e força*”. Aliado à ilustração de meninas praticando vários tipos de esporte, isso fez com que as crianças comecem a perceber que as meninas não são frágeis e que também podem gostar de qualquer tipo de esporte, que são fortes e capazes.

Em outro trecho, Pri Ferrari pontua que: “*As meninas são criativas. Elas desenhavam, inventam e amam histórias sobre sabres de luz, anéis mágicos e super heróis.*”

Uma menina também pode escolher ser uma heroína, brincar de salvar o mundo, isso não pode ser algo que apenas os meninos possam fazer. Na parte sobre os meninos, o seguinte trecho: *“Meninos sabem cuidar. Cuidado é quando fazemos nosso melhor pelos outros.”*

Após a contação de história, as crianças conversaram com a professora e contaram o que elas queriam ser. Teve meninas que queriam ser astronautas, meninos que queriam dançar e cantar. Cada criança foi ouvida e respeitada. Não houve por parte dos colegas qualquer insulto ou piada, porque eles sabem que aquele espaço é um espaço seguro e respeitoso.

Partindo desse momento, as observações cotidianas iniciaram. Certo dia, a professora percebeu que na hora do desenho livre ou direcionada, muitas vezes os meninos não aceitavam colorir com o lápis rosa, ou falavam: *“rosa é de menina”!* Para modificar essas percepções, a professora buscou dialogar com as crianças e explicar que as cores são de qualquer pessoa, não existe cor de menino ou de menina. Isso que as crianças trazem é algo demarcado pela cultura que enfatiza esses estereótipos (BALISCEI, 2022).

Certa vez, a proposta em um dia quente de verão, era dar banho nas bonecas, secar e vesti-las. Um menino foi resistente, pois segundo ele os meninos não podem brincar de boneca. A professora respeitou a vontade da criança naquele momento. No outro dia na roda de conversa, dialoga sobre o assunto enfatizando que todas as crianças podem brincar e cuidar das bonecas, que é um ato de amor e de cuidado. Sabe-se que, ainda existe no cotidiano da educação infantil imposições sutis do que é de menino ou de menina (VIANNA; FINCO, 2009), de tal modo se faz necessário romper essas ideias que são impostas às crianças.

Outro momento significativo foi na sala referência, quando duas meninas brincavam na pista de corrida. Uma menina escolheu brincar com sua princesa e a outra com um carro, ambas construíram sua história e interagiram sem preconceitos ou questionamentos. Muitas vezes supomos o que as meninas querem ou podem fazer, mas conforme Chimamanda Adichie (2017) é importante permitirmos que as meninas façam suas próprias escolhas.

Essa turma não faz fila entre meninos e meninas, as crianças se locomovem pela escola caminhando em duplas ou trios, que elas mesmo escolhem por afinidades. No momento de organizar a sala, não são as meninas responsáveis, mas todos aqueles que “bagunçaram”. Outra preocupação, são os espaços circunscritos. Nessa turma, eles são organizados e explorados por todas as crianças. Há o cantinho de cozinha, o escritório, a pista para os carros, a mesa de luz, lupas e a exploração de objetos não estruturados. O canto das fantasias, possuem roupas de personagens variados. Roupas de bailarinas, de super heróis, tiaras, enfeites,

capas, vestidos. As crianças escolhem aquilo que desejam usar. Não são reprimidas, as meninas adoram usar a capa do Batman. Meninos colocam vestidos e usam bolsas. Outro menino gosta de enfeites de cabelo. O importante é não colocarmos camisas de gêneros nas crianças, mas permitir que elas sejam felizes e autênticas (ADICHIE, 2017).

A partir das propostas que foram relatadas, se entende que é possível uma prática docente que tensionam as relações de gênero e de sexualidade entre meninas e meninos, rompendo com as imposições culturais. Por mais singelas que sejam as ações no cotidiano infantil, elas podem promover relações equivalentes e respeitadas. As crianças se sentem livres para expressarem suas particularidades e suas individualidades. Não são julgadas ou vigiadas. O diálogo e a escuta são constantes. As repreensões não tem espaço e o que impera é a amorosidade.

Compreende-se que é uma tarefa árdua, pois como Louro (2022) destaca as proposições pedagógicas que optam por romper com as imposições, enfrentam desafios e resistência por parte de várias esferas da comunidade escolar, seja da coordenação, das famílias, entre outros. O importante é não desistirmos de buscar uma educação respeitosa, acolhedora e amorosa.

CONSIDERAÇÕES

A educação infantil é um espaço único, momento em que os sujeitos começam a formar suas personalidades, desse modo é imprescindível buscar práticas pedagógicas que ultrapassem as relações de gênero e de sexualidade impostas, que permitam que as crianças vivam suas infâncias plenamente. Que as crianças possam ser autênticas, que explorem seu imaginário, que acreditem em um futuro que todos/as/es possam ser quem desejarem. Que meninas e meninos sonhem juntos por uma sociedade que não divida, nem exclua, que respeite e aceite a diversidade.

Para isso, há de se reconhecer a potência docente para incidir nas escolas as pautas e as reflexões de tais temáticas, na busca de formar sujeitos resilientes e revolucionários. Sujeitos menos preconceituosos, machistas, racistas. Sujeitos acolhedores e questionadores. Por mais que não se consiga atingir todos/as/es, uma criança que se empodere, que veja sua potência e não se deixe silenciar, uma criança que não absorva os discursos discriminatórios e acolha a diversidade já será um grande presente para o mundo. O que não se pode é deixar de lutar e de insistir em uma educação para todos/as/es!

Palavras-chave: Educação infantil; Generos, Sexualidade; Infâncias; Pedagogia feminista;

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto/** Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Denise Bottmann. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BALISCEI, João Paulo. **É de menina ou menino? Imagens de gêneros, sexualidades e educação.** 1.ed. [recurso eletrônico] / [org.] João Paulo Baliscai. – 1.ed. – Curitiba-PR, Editora Bagai, 2022. Recurso digital.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Acesso em: 22 Mai. 2023.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 191-219.

COLLING, Ana Maria. A escola como lugar da diversidade: educação, gênero e sexualidades. **(Re)existir,(re)inventar, pesquisar: entrelaçamentos de corpos, gêneros e sexualidades**[Recurso Eletrônico].Rio Grande, RS: Ed. da FURG, 2022. p. 28-43.

FERRARI, Pri. **Coisa de menina.** São Paulo: Companhia das letrinhas, 2016.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar: 2020. p. 52-83

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.**/ Guacira Lopes Louro. 16. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SARDENBERG, Cecília M. B. Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista. Trabalho apresentado no I **Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres.** Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, Salvador, Bahia,

5-10 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 25 jul. 2023.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder.** *Cadernos Pagu*, (33), 2009, p. 265-283. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644928>.